

**NATUREZA: PARA PENSAR A ECOLOGIA**

**MOSCOVICI, Serge. Natureza: para pensar a ecologia. Tradução Maria Louise Trindade Conilh de Beyssac e Regina Mathieu. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. Coleção Elcos.**

Rosa Maris Rosado  
Bióloga. Mestre em Ecologia e Doutoranda em Geografia pela  
Universidade Federal do Rio do Grande do Sul  
E-mail: rmrosado@sms.prefpoa.com.br

As discussões relativas à natureza vêm ao longo das últimas décadas ultrapassando o campo acadêmico e mobilizando diferentes segmentos da sociedade. Assim, a chamada questão ecológica tem sido vista como importante fator de discussão nos diversos meios sociais, muitas vezes provocada por reportagens de cunho sensacionalista na mídia. Cada vez mais, a população em geral tem se preocupado com essa temática e, principalmente, com as conseqüências que a degradação da natureza podem trazer para o seu cotidiano. Nesse sentido, os problemas relativos à poluição, à escassez de recursos naturais, ao aquecimento global, à destinação dos resíduos sólidos, entre outros, passaram a fazer parte das preocupações da sociedade contemporânea, sobretudo, nos grandes centros urbanos.

Pelos mais diversos interesses, a ecologia na contemporaneidade está se tornando um ponto de pauta obrigatório nas agendas mundiais, entretanto pouco se tem refletido sobre o seu sentido filosófico. Parece residir aí a coerência desta obra de Serge Moscovici<sup>1</sup> que nos faz rever e repensar a nossa noção de natureza. A obra sintetiza a proposta de sociedade que, há muito tempo, vem sendo defendida pelos ecologistas, que questionam a convicção da completa oposição entre sociedade e natureza. Restabelecer a unidade perdida entre essas duas partes de nossa existência é um desafio teórico e prático, e tem balizado as reflexões em torno da, chamada pelo autor, “questão natural”.

“Eu sei que a natureza não tem nada de verde e nem de cinza, que ela representa, na verdade, uma paleta infinita de cores”, com essa epígrafe, inicia o prefácio da edição brasileira de NATUREZA - PARA PENSAR A ECOLOGIA e anuncia o que está por vir na leitura: um movimento heterodoxo, uma forma de contra cultura, que respeita a

---

<sup>1</sup> Psicossociólogo de reconhecimento internacional, Moscovici nasceu em 1925, na Romênia, é diretor do Laboratoire Européen de Psychologie Sociale, da Maison des Sciences de l’Homme, em Paris. Um dos fundadores do movimento ecológico na França é autor de: Ensaio sobre a história humana da natureza (1968), Sociedade contra Natureza (1972), Representação social na psicanálise (1978), Crônica dos anos errantes (2005) entre outros.

diferença e afirma a necessidade desse, diálogo “multicolor” sobre a nossa relação com a natureza, aberto a múltiplas possibilidades. Resgatando a história do pensamento ecológico, a obra surge em um momento oportuno no qual a ecologia tem se tornado uma cultura mundial. Traz, por meio de diferentes formas de escrita, as discussões e reflexões em torno da ecologia política, travadas nos últimos anos, na visão de um dos pioneiros. Fica evidente, na leitura, o objetivo de apresentar a “questão natural” de forma pertinente e profunda.

Com uma linguagem clara, Moscovici procura desmistificar essa questão tão banalizada pela mídia, sem cair no hermetismo acadêmico. Indo além, como afirma Pascal Dibie, na sua advertência no início do livro, a sua leitura “funciona como uma ampliação da consciência ecológica e política”. É um convite para pensar a ecologia a partir da perspectiva de que ela se torne um verdadeiro fenômeno cultural capaz de reencantar o mundo.

O autor expressa abertamente sua paixão por tudo que é vivo, demonstrando o fracasso da modernidade que prometia libertar os homens da “não-civilidade”, justificando os meios para atingi-la que levaram toda forma de destruição. Moscovici dá-se conta de que toda a degradação da natureza é acompanhada pela destruição de culturas, de forma que todo ecocídio é também um etnocídio. Considera ter feito no Livro Sociedade Contra a Natureza (MOSCOVICI, 1995) o “esboço de uma nova etnologia de nossas relações dentro da natureza”. Neste texto de 1972, o autor já refletia sobre a necessidade de modificar o curso dos debates em direção a uma ecologia política, o que é mais do que reforçado nesta nova obra.

A sociedade vivida, aquela de todos os dias, feita de estados concebidos e de estados vividos, não é mais do que a substituta de uma outra sociedade com a qual a verdadeira relação está escondida; com a sociedade concebida, por ser tão distante e abstrata; com a sociedade vivida, por ser tão próxima e difusa demais. Essa é a atmosfera da vida social corrente entre palha e sopro, eclética e agitada. Passamos a ciscar a vida, não a vivemos mais. Pois essa vida, esse recorte de instituições e de desejos antinômicos, está extraordinariamente tensa. Ela exige uma lucidez que o indivíduo humano não pode demonstrar permanentemente, pois a humanidade não suporta tanta lucidez. (p. 96).

Embora as idéias de Moscovici tenham sido refletidas por vários intelectuais, tais como: Morin, Prigogine, Stengers, Jean Jacob, entre outros tantos, suas intervenções em conferências, debates e entrevistas se dirigiam a cada um de nós e a todos que desejavam (desejam) sair do “normal” e pensar a ecologia, uma forma de sermos “loucos” pela natureza.

Conforme Moscovici, o método dos ecologistas, como todo bom método, é simples: “não cubramos nossos rostos com as mãos, não tampemos os ouvidos e abramos a boca”. Existe uma metodologia ecológica que se caracteriza por: “descongelar do pensamento entediado, despertar de sensações anestesiadas e a converter as consciências a um mundo familiar ao qual não prestávamos mais atenção, que não víamos mais por força do hábito”. Afinal, “se nós não temos o sentido de participação do universo, o senso cósmico, não existe ecologia possível.” (MOSCOVICI, 2007, p. 37).

Á idéia de natureza vem sendo construída historicamente. Cada sociedade, de acordo com a sua cultura, elabora uma idéia de natureza, a sua representação social. Esta representação de natureza será determinante nas relações que estabelecerá com ela, por meio do modo de vida nela e com ela. A noção de natureza é, assim, construída pelo homem a partir de matizes políticas, econômicas, simbólicas, míticas, etc.

“O eterno retorno à natureza, visto sob o aspecto do desejo, significa voltar com nossos corpos ao corpo dos corpos, a Terra, onde cada um encontra sua morada, nosso oícos desde a origem dos tempos.” (p.167).

Mas o autor ainda se questiona [...] “será a simplicidade mágica dessa fórmula, ou bem a sua fé em uma natureza viva e a culpa de ter tanto destruído e tanto pilhado o que inúmeras gerações criaram, que confere a este apelo ‘agora o retorno’ o dom de suscitar os desejos que acreditávamos esgotados e as forças que esperávamos domadas? O retorno, ele mesmo, se reveste de uma aura poética que desperta do fundo do homem, o povo, no fundo do social, o comunitário, no fundo da natureza, a vida”. (p.102). O naturalismo crítico tem assim como alvo verdadeiro esse desencantamento do mundo. O “retorno à natureza” do seu naturalismo reativo significa um retorno que deve se dar no interior de nós mesmos, nosso próprio retorno, “nosso desejo de viver efetivamente dentro da natureza”, ousando renunciar à falsa idéia de poder dominá-la e controlá-la realmente.

Sob o título Por que os ecologistas fazem política? (revisão de entrevista com Jean-Paul Ribes e Brice Lalonde realizada em 1978), pela primeira vez Moscovici coloca a questão da ecologia política. O objetivo é de “questionar a convicção de que a sociedade e a natureza estão em completa oposição e que a política deva se limitar à primeira, desinteressando-se pela segunda” (p. 31). Hoje se vê um interesse oportunista nos discursos políticos pela preservação da natureza em todas as suas matizes.

Resgatando a história do movimento ecologista, Moscovici responde firmemente as acusações de que o ecologismo defendia uma “volta às cavernas”, como se isto fosse possível e desejável. Não se trata de um escapismo, de uma volta ao passado, mas se apóia no passado para viver o presente. A contemporaneidade permite, como bem expressou Prigogine (1996), indicar que não há reversibilidade do tempo, o que ocorre

são bifurcações, portanto, possibilidades.

A natureza é, como ela sempre foi, imediatamente acessível a nossos sentidos e a nosso pensamento, o universo familiar das águas, dos ventos, das plantas e das árvores, a terra sobre a qual encontram-se os homens e os animais sob o céu chuvoso ou ensolarado, segundo o ritmo das estações do dia e da noite, nosso habitat rico em cores e odores. Ao viver e trabalhar, os homens e a natureza constituem uma unidade, eles são natureza e nós não temos nenhuma dúvida a esse respeito. (p. 83).

O homem e também natureza, mas possui, entre outras particularidades, a de produzir cultura e ter consciência de si e de sua existência. Desta forma, abrem-se possibilidades de organizar, de produzir, de pensar, de entender o mundo, inclusive de reencantá-lo. Enfim, há inúmeras possibilidades de o ser humano ser realmente humano. Esta multiplicidade de culturas e de leituras não só o diferencia da natureza, como também o diferencia de si mesmo. O desencantamento do mundo representa a perda destes saberes do mundo, da natureza.

Por vezes dizemos: “naquele dia que estava chovendo forte”, “durante o pôr-do-sol”, “numa noite de lua cheia” etc, não há, portanto, experiência humana na qual as forças da natureza estejam ausentes. Apagar esta compreensão é tarefa desse desencantamento do mundo, que conferiu aos seres humanos uma realidade fechada e inequívoca.

A dicotomia prevaleceu absoluta no interior do mundo desencantado: tendo como característica a uniformidade, preponderância das repetições, uma independência relativa dos fatos, uns em relação aos outros, num sistema rigorosamente construído, no qual nada deve escapar dele, no qual não se age mais de dentro para fora, mas de fora para dentro - esta é a sociedade concebida sob o ideal moderno que consiste em reduzir os fenômenos humanos a números e calculá-los, nessa lógica nada existe, a não ser a máquina e o mercado (p. 89).

A ciência teve muito a ver com isto, decretando pela razão dominante que os saberes da vida, aqueles que tem sabor, cheiro e gosto, são menos saberes que a pretensa verdade. E ainda que só existia uma única racionalidade que exclui, todas as outras formas e possibilidades de conhecer. Mas, para o autor, o curso do desencantamento do mundo parece mudar à medida que a ciência se aproxima dos fenômenos sociais e

psíquicos. Para Moscovici, a coalizão de saberes é necessária, com a superação da violência da ciência contra as outras formas de conhecimento, restaurando a plenitude dos laços com a natureza, afinal estamos atrasados, herdamos a árdua tarefa de restabelecer esses laços.

O essencial para o autor é pressupor o fim das dicotomias sociedade/natureza e cultura/natureza, esta última tão cara aos antropólogos. O Culturalismo, que tem por princípio a ruptura entre sociedade e natureza, seria caracterizado pela aversão completa do homem pela natureza, afirmando a total separação entre eles. Já o Naturalismo seria o contrário, repulsando a sociedade e a cultura, mas vendo o homem como elemento integrante da natureza (DIEGUES, 2000, p. 48). Conforme já havia apontado em *Sociedade Contra a Natureza*, o autor propõe um novo naturalismo, mais aberto à sociedade e às suas divergências, evocando, assim, uma mudança na relação homem /natureza, na qual a separação seja substituída pela unidade. Assim, o “Naturalismo subversivo” de Moscovici aparece na sua escrita, muitas vezes poética, na qual declara-se apaixonado pela natureza, assumindo seu propósito firme e militante de manifestar-se em sua defesa, num movimento de aproximação com ela que se revela como uma forma de subversão e renova a relação dos seres humanos com seu mundo.

Aos que acusavam a luta pela natureza de “burguesa” (ou ingênua), Moscovici respondia firmemente: “se a natureza fosse um simples reservatório de recursos naturais, uma realidade sem história, então, com efeito, poderíamos pensar que o que acontece na sociedade não a afeta”. E complementava: “na verdade, por seu saber fazer e seu saber propriamente dito, os homens são atores dentro da natureza, atores biológicos e sociais. Nós fazemos a natureza e ela é parte de nossa história, e nós uma parte dela. O surpreendente é nós não termos nos apercebido antes (p. 32)”.

Sabemos, pois que: [...] “a natureza é a vida e a vida não comporta nem forma primordial, nem equilíbrio eterno: todo aquele que nasce, morre, tudo evolui e se diversifica” (p.112). A natureza não é estática, sofre mutações, portanto, a natureza, é criada e criadora. Isto é essencial: “nossa natureza é histórica e a cada período da história constituímos um estado de natureza” (p. 250), sendo que nenhum estado é independente da sociedade humana.

Resgatando rapidamente idéias da Escola de Frankfurt (Horkheimer e Adorno, principalmente), o autor traz que a dominação da natureza nos conduz a dominação do homem:

No final das contas, os sujeitos, em benefício dos quais (portanto) começamos a dominar, a ‘reificar’ e a dessacralizar a natureza, encontram-se, eles mesmos, tão dominados, reificados e dessacralizados na relação consigo mesmos, que mesmo os esforços de emancipação se voltam (ao contrário), confortando o contexto à cegueira no qual estão aprisionados. (p. 107).

Conclui-se, então, que a emancipação da natureza é, no fundo, a emancipação dos seres humanos.

Para esse naturalismo ativo: “Não é suficiente apenas protegê-la (a natureza) contra os desastres na jusante, mas decidir na montante” (p. 112) de onde concerne que as decisões a que se referem as tecno-ciências, as nossas decisões com relação à natureza devem ser levadas para dentro das decisões políticas normais, mas por outro lado também devemos ampliá-las ao âmbito social e cultural. Parece que a natureza precisa de catástrofes para convencer de que ela existe, enquanto a economia se camufla em qualquer elemento para provar sua existência e relevância. De acordo com a lógica econômica, a opção pela natureza é uma solução de urgência ou pânico, a indiferença ou a opção contra a natureza é mais “racional” ou “normal”. Isto confere a primazia do econômico, como na ficção *Homo oeconomicus*, por modelos inculcados na sociedade, que “permanece sendo a matriz de nosso espírito e de nosso corpo” (p. 113) assim como “o sonho do naturalismo ativo veste o corpo e o espírito do *Homo oecologicus*” (p. 114).

Da ecologia pública à ecologia política, o autor admite: “Eu diria que nós soubemos fazer emergir das profundezas para a superfície da vida pública a natureza e, com ela, energias até então contidas irromperam no campo da política” (p. 65). O movimento provocou a criação de comunidades “de iniciativa” (em função da sua proximidade e afinidade) capazes de agir e reagir ao ambiente físico, portanto, de viver a ecologia no cotidiano formando lugares de vida e de reflexão, fomentando uma cultura ecológica, principal objetivo da ecologia política. Para o autor, nós (ecologistas) não mudamos a sociedade, mas liberamos energias para mudá-la. “A cultura que exclui a natureza está aparentemente chegando ao seu fim. A natureza fará parte de toda a cultura que há por vir. Seus contornos não são ainda perceptíveis, mas seu sentido já o é: reencantar o mundo”(p. 117). “Reconectar o mundo não é um culto, mas uma prática da natureza” (p. 130).

O livro encerra apontando a necessidade de atualização do programa ecologista: que não pode ficar distante de uma reflexão sobre esse “novo” modo de vida e de relacionamento pela comunicação eletrônica que é um modo de intrusão psíquica e de criação de realidades virtuais e da falsa aceleração do ritmo de vida, que transtorna a ecologia.

Nessa leitura se pode ter a acesso a passagens do percurso da corajosa militância do autor por uma ecologia política, entendida como um verdadeiro fenômeno cultural, que nos faz vibrar, traz inquietações e inspirações para (re) inventarmos nossa natureza, reencantando o mundo. Para sintetizar esta obra, tarefa nada fácil devido a sua complexidade, opto por citar uma frase do texto que penso trazer em seu bojo a essência do naturalismo explicitado ao longo de toda a obra: “A sociedade pela e com

a natureza não esquece jamais o homem, não esquece jamais sua natureza, que é ser livre!” (MOSCOVICI, 2007, p. 64). Assim, a essência da ecologia de Moscovici parece ser que devemos pensar e escolher livremente a nossa própria forma de ser/estar pela e com a natureza.

### Referências

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Nupaub-USP, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **Sociedade contra a natureza**. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_. **Natureza: para pensar a ecologia**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. (Coleção Eicos)

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**. São Paulo: Ed. da Universidade UNESP, 1996.